A Ciência: Um Possível Caminho...

Letícia Lopes de Carvalho

A Psicologia tem sido, no decorrer de toda sua história, extremamente eclética e plural no que concerne a métodos de investigação, métodos terapêuticos, filosofia de trabalho e estruturas básicas epistemológicas. Isso ocorre talvez por ser ela um elemento centralizador da visão que o ser humano possui de si mesmo, denunciando muitas vezes a relatividade e subjetividade do homem, mesmo no campo da ciência.

Não seria diferente com relação ao trabalho corporal, ou melhor, é no trabalho corporal que muitas dessas discussões tomam uma ênfase maior, pois dele ressurgem questões básicas da Psicologia :

Durante um tempo considerável, no mundo ocidental moderno, o corpo humano vem sendo objeto de estudos e cuidados exclusivos da Medicina, enquanto à nossa Psicologia coube a herança filosófica de um “estudo da alma”. Mas nem sempre vigorou esta divisão de áreas do conhecimento sobre o humano (Farah, 1995).

Um dos referenciais básicos da cultura ocidental, a civilização Grega, possuía filósofos que tinham a incumbência de refletir sobre todo o espectro do conhecimento humano. Sendo assim, Aristóteles, por exemplo, escrevia e pensava tanto sobre conceitos básicos de lógica e filosofia quanto sobre a arte de poetas. Na verdade, o saber filosófico refletia sobre tudo o que foi posteriormente fragmentado em disciplinas na nossa sociedade moderna (a Física, a Medicina, a Psicologia).

Após a civilização Grega, chegamos a Idade Média, época que em princípio, o conhecimento mais próximo do que hoje poderíamos chamar conhecimento científico ficou latente e apagado em detrimento da fé. O conhecimento místico/religioso tomou uma força bem grande como constituinte da sociedade em oposição ao conhecimento físico-material. Isso fez com que o homem fosse dividido em dois universos: o universo

espiritual (onde a igreja e gurus espirituais se responsabilizam por trabalhar) e o universo físico (onde a ciência se encarrega de verificar em termos racionais e práticos).

Todos os que se encontravam à margem destas duas produções de conhecimento eram rotulados de hereges, bruxos, místicos. Eles permaneceram então reclusos, escondidos e segregando mais ainda seus conhecimentos, que no início já eram ocultos. Assim temos outras fontes de conhecimento humano: as ciências ocultas em geral, a alquimia (muito difundida também no oriente), a magia, a astrologia, a quiromancia e os oráculos em geral. Embora muitos pensem que esses conhecimentos sejam de ordem mítico-religiosa, os próprios estudiosos deles muitas vezes dizem o contrário:

A Magia Natural, como dissemos, é um conhecimento que compreende toda a natureza, por meio da qual desvendamos os segredos e processos ocultos de todo o seu imenso e amplo organismo. Com isso chegamos ao conhecimento de seus componentes, suas qualidades, virtudes e segredos dos metais, pedras, plantas e animais (Barrett, 1994).

Com o Renascimento, surgiram **especialistas** em determinadas áreas, por conta do surgimento oficial de centros de estudos leigos (desvinculados da religião). Esses centros de estudos se transformaram no que hoje chamamos de universidades e tinham a intenção tanto da produção quanto do controle do conhecimento que o homem produzia. Por volta dessa época, surgiram certos conflitos teóricos: de um lado o chamado *materialismo*, que explica a existência através de fenômenos concretos e materiais; e o *idealismo*, que considera a existência como algo de maneira anímica ou espiritual (Gaarder, 1997).

Um marco importante de direcionamento epistemológico ocorreu algum tempo depois no final do século XVII. Foi Isaac Newton, que levou os estudiosos a pensar no universo como um imenso sistema mecânico que seguia leis rígidas. Muitos consideravam a física newtoniana como a teoria definitiva dos fenômenos naturais:

Essas leis sustentavam firmemente as idéias do tempo e do espaço absolutos e dos fenômenos físicos rigorosamente causais da natureza. Tudo podia ser descrito objetivamente, todas as reações físicas tinham uma causa física, como bolas que se chocam numa mesa de bilhar. Ainda não se conheciam as interações da energia e da matéria, como o rádio que toca música em respostas a ondas invisíveis. Nem ocorria a ninguém que o próprio experimentador influi nos resultados experimentais, não só em experiências psicológicas, mas também em experiências físicas como os físicos conseguiram demonstrar agora (Brennan, 1987).

Newton acabou influenciando a ciência até hoje, que corporificou métodos bem claros de análise dos objetos estudados. Tanto que, no século XIX, surgiram as bases da ciência contemporânea, dentre elas, o positivismo:

Considerada de início em sua acepção mais antiga e comum, a palavra positivo designa real, em oposição à quimérico. Desta ótica convém plenamente ao novo espírito filosófico, caracterizado segundo sua constante dedicação à pesquisa verdadeiramente acessíveis à nossa inteligência (...) É preciso, enfim, observar (...) quando se emprega a palavra positivo como contrária a negativo. Sob este aspecto, indica uma das mais eminentes propriedades da verdadeira filosofia moderna, mostrando-a destinada sobretudo, por sua própria natureza, não a destruir, mas a organizar (Comte apud Andery & Sério, 1988).

Quanto à Psicologia, para se tornar ciência, deixou de definir o seu objeto de estudo como sendo a **alma** humana e passou a estudar o **comportamento** humano, uma vez que os estudiosos e sabedores da **alma** estavam nas Igrejas. Como aborda Wertheimer:

A nova Psicologia experimental surgiu da confluência de dois grandes rios: um deles, da ciência, o outro, da filosofia. Os tributários do rio da ciência eram a fisiologia, a biologia, uma abordagem atomista, um interesse na quantificação, e uma tendência a instituir pesquisa universitária a laboratórios de treinamento; os tributários do rio da

filosofia eram o Empirismo Crítico, o Associacionismo e o Materialismo Científico (apud Farah, 1995).

Até meados do século XIX, tal tipo de visão compôs basicamente a maior parte da história da nossa ciência ocidental, porém, há também uma espécie de contraproposta metodológica feita por alguns estudiosos, na intenção de **desatomizar** o ser humano, torná-lo mais **uno** resgatar-lhe a união entre corpo e mente:

A retomada do contato com o corpo e suas funções apresenta-se como um canal viável para o restabelecimento do nosso contato com a própria natureza humana (Farah, 1995).

Deve-se, porém, evitar radicalismos e negar por completo o racionalismo, uma vez que facilmente pode acontecer a idolatria do corpo, o culto exacerbado, a construção de modelos corporais a serem seguidos misturados com a noção de beleza.

Reich com certeza foi um dos mais importantes estudiosos nessa área de integração mente e corpo, para ele, existe uma espécie de **memória muscular** onde se registram os acontecimentos emocionais das pessoas:

A couraça é a forma na qual a experiência infantil é preservada como obstáculo ao funcionamento. Por exemplo, a neurose não é somente a expressão de uma perturbação do equilíbrio psíquico; é, mais propriamente, em um sentido muito mais verdadeiro e profundo, a expressão de uma perturbação crônica do equilíbrio vegetativo e da mobilidade natural (apud Farah, 1995).

Sendo assim, através de toques e movimentos propõe-se uma intervenção direta nas estruturas somáticas das pessoas que liberam a expressão de conteúdos emocionais registrados e reprimidos na memória corporal. Nitidamente com um fim terapêutico, o corpo é visto como elemento catalizador e auxiliador de problemas psíquicos e, portanto, elemento imprescindível para uma compreensão total do que seria uma neurose, uma vez que ela não está somente registrada na mente, mas no conjunto inteiro do que chamamos de **ser humano**.

Jung também propiciou à ciência grandes reflexões a respeito desse assunto, partindo da idéia que alguns dos processos somáticos eram representados simbolicamente por elementos de sonhos ou lendas antigas. Ele acredita existirem no ser humano um conjunto de complexos, que quando possuem um **tônus** maior acabam se diferenciando e modificando o nosso estado normal tanto psíquico quanto corporal. Sendo assim, uma terapia corporal buscaria estabelecer um contato maior entre esses dois universos:

Uma abordagem muito mais satisfatória seria considerar o homem como um todo, em vez de considerar suas várias partes. O que é preciso é pôr termo à dissociação fatal que existe entre o ser superior e inferior do homem; devemos pelo contrário unir o homem consciente com o homem primitivo (Jung apud Farah, 1995).

É inegável que muitos de nossos problemas emocionais e afetivos acabam tendo repercussão na esfera corporal. Jung diz que não se podem manejar completamente as emoções como se manejam idéias ou pensamentos, pois elas são idênticas a certas condições físicas e, portanto, enraizadas nelas (Jung apud Farah, 1995).

Sendo assim, no mundo de hoje, a terapia com um enfoque corporal resgata do ser humano elementos esquecidos pela ciência tradicionalmente positivista, ajuda na medida em que o indivíduo é visto de uma maneira menos fragmentada e lhe propõe a conhecer um pouco mais sobre algo de si mesmo que na maioria das vezes é ignorado e deixado para segundo plano: o corpo.

Além disso, também existem constatações embriológicas e neuro-fisiológicas que comprovam essa estreita ligação da mente com o corpo. Um dos pioneiros no enfoque a esse tema é Montagu. Ele costuma dizer que a pele e o sistema nervoso, embriologicamente, ou seja, na constituição inicial do ser humano, possuem as mesmas origens:

Tanto a pele quanto sistema nervoso originam-se da mais externa das três camadas de células embriônicas, a ectoderme. A ectoderme

constitui uma superfície geral que envolve todo o corpo embriônico (Montagu, 1988).

A partir das mesmas bases embriológicas, pode-se depreender a forte ligação de todo o sistema nervoso com a pele. Dessa forma, a pele, muito além de um simples órgão protetor, é como se fosse uma *teia viva* que informa o tempo todo o sistema nervoso sobre o que está acontecendo.

De um ponto de vista neuro-fisiológico, o tecido nervoso em muito contribui, associando-se com a pele, nas ligações que o ser humano possui com o mundo, ou seja, o que influir no seu sistema neuro-fisiológico com certeza também influirá no seu sistema psicológico:

A criança privada a nível tátil torna-se mais tarde um indivíduo que não é só fisicamente desajeitado em seus relacionamentos com os outros, mas que também fica sem jeito diante dos outros a nível psicológico e comportamental (Montagu, 1988).

Sendo assim, podemos entender que o corpo é como se fosse nossa casa, como se sustentasse nossas emoções, como se possibilitasse para nós um contato intrínseco não só com o mundo aparente e imediato que enxergamos em princípio; mas também com o mundo primitivo de nossos antepassados, com nossa própria natureza, com uma memória particular nossa e coletiva da humanidade, como diz Jung:

Mesmo se alma parece ser um conceito nebuloso ou poético demais, é preferível conservá-lo assim. Conhecer a si mesmo é tão impossível quanto conhecer a Deus. Não deixemos que o mistério se perca, simulando um conhecimento que não temos. Tudo o que podemos fazer é conversar sobre a alma, ampliá-la, fazer anedotas e analogias. Quando a encontrar, você saberá (apud Farah, 1995).

Dessa forma, estudar o Corpo e suas relações com a Alma, remete ao estudioso obrigatoriamente certos rompimentos epistemológicos salientados ainda pelo próprio Jung:

Não devemos nos identificar com a própria razão, pois o homem não

é apenas racional, não pode e nunca vai sê-lo. Todos os mestres da cultura deveriam ficar cientes disso. O irracional não deve e não pode ser extirpado (Jung, 1990).

Pethö Sándor, com bases metodológicas que vão desde a medicina até a psicologia desenvolvida por Jung, abriu portas referentes ao tratamento psico-físico, buscando nos seus estudos desenvolver, dentre outros elementos a Calatonia (estimulação do corpo do paciente através de toques, trabalhando assim com os universos físico e psíquico):

A expressão acima usada indica um tônus descontraído, solto mas não somente do ponto de vista estático e muscular. No original grego o verbo khalaó indica relaxação e também alimentação, afastar-se do estado de ira, fúria, violência, abrir uma porta, desatar as amarras de um odre, deixar ir, perdoar aos pais, retirar todos os véus dos olhos, etc (Sándor, 1982).

Dessa forma, atualmente existem muitos estudiosos que acabaram seguindo essas idéias de *reencontros* da produção de conhecimento humano, muitos trabalhos de ordem prática têm sido feitos nesse sentido dentro da academia:

Rita de Cássia Helem Assaly em 1991 desenvolveu um trabalho corporal numa unidade de Saúde da Periferia da zona sul de São Paulo:

Senti-me de certa maneira redescobrando a Psicologia e rompendo com certa rigidez acadêmica, com a qual o trabalho não seria viável. O fato de poder oferecer relaxamento e trabalho corporal à população, inclusive em grupo, foi um dos grandes recursos que permitiram um trabalho versátil e ao mesmo tempo prazeroso (Assaly, 1997).

Katia Rubio encontrou nas equipes esportivas mais um espaço onde o trabalho corporal e a intervenção psicológica poderiam ser feitos (Rubio, 1997).

Hannelore Fuchs atualmente desenvolve um trabalho de terapia corpórea em animais:

A massagem, protótipo de terapia corporal, constitui o mais antigo e o mais simples dos remédios, de vez que a estimulação corpórea é necessidade instintiva, primária a ser satisfeita quer no homem, quer nos animais sociais (Fuchs, 1997).

Rosa Maria Farah através do trabalho corporal estimulou o processo de individuação a idosos (Farah, 1996).

Por outro lado, existem também outras correntes que não necessariamente se atrelam a Pethö Sándor (1982) ou à tradicional consciência de grupo de Jung, porém igualmente se preocupam com esta integração entre o físico e o metafísico no ser humano.

Um pequeno grupo de terapeutas emprega hoje no Brasil a chamada Quirofonética, ou seja, relacionar um som com as mãos, os gestos ou até posturas corporais:

A forma de um som (em grego, phoné) é transmitida pelas mãos (em grego, cheirós) (Baur, 1992).

Já a Música é muito trabalhada tanto na simples intenção de harmonização do ambiente ou auxílio no processo de individuação (Queiroz, 1989) e (Stewart, 1995), quanto em testes projetivos (Boccalandro, 1997).

Lucy Penna aplica a teoria na parte da dança do ventre, numa busca de harmonização entre corpo e mente:

Fazer dançar o ventre abre para as possibilidades de senti-lo como centro de consciência. Ajuda a lidar melhor com as posses de objetos, valores, idéias e até de outras pessoas (Penna, 1993).

Por fim, ao longe os estudiosos de todas as áreas percebem um longo caminho. Vê-se não um fim de milênio, mas um nascimento e um reinício acadêmico, científico, físico, psíquico e até espiritual. A nossa parte é contribuir com nossos passos nesse caminho, servirmos de elo para a infinita corrente da vida.

Referências Bibliográficas:

ANDERY, Maria Amália Pie Abib & SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. *"Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete. Augusto Comte"*. in: **Para Compreender a Ciência**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

ASSALY, Rita de Cássia Helem. *"Trabalho Corporal: Um Breve Relato de uma Experiência na Periferia de São Paulo"*. in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997

BARRETT, Francis. *"Os Primeiros Princípios da Magia Natural"* in: **Magus**. São Paulo: Mercuryo, 1994.

BAUR, Alfred. **O Sentido da Palavra: No princípio era o Verbo**. São Paulo: Antroposófica, 1992.

BOCCALANDRO, Efraim Rojas. *Resumo da Pesquisa "Teste Projetivo Sonoro" para o XXVI Congresso Interamericano de Psicologia - PUC-SP 1997*. in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997

BRENNAN, Barbara Ann. *"Paralelos entre o modo com que nos vemos e com que vemos a realidade e as opiniões científicas ocidentais"* in: **Mãos de Luz**. São Paulo: Pensamento, 1987.

FARAH, Rosa Maria. **Integração Psicofísica**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1995.

FARAH, Rosa Maria. *"O Trabalho Corporal com idosos como estímulo ao processo de individuação"*. in: **Psicologia Revista**. São Paulo: EDUC, 1996.

FUCHS, Hannelore. *"Um toque a quatro patas"*. in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991

JUNG, Carl Gustav. *"O inconsciente pessoal e o inconsciente"*

suprapessoal ou coletivo” in: **Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MONTAGU, Ashley “*A Mente da Pele*” in: **Tocar: O Significado Humano da Pele**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

PENNA, Lucy. “*O encanto da mulher serpente*” in: **Dance e Recreio Mundo**. São Paulo. Summus Editorial, 1993

QUEIROZ, Gregório José Pereira de. **O Equilíbrio do Temperamento através da Música**. São Paulo: Cultrix, 1987

RUBIO, Katia. “*Trabalho Corporal em Equipes Esportivas: Mais um Espaço de Intervenção Psicológica*” in: **Boletim Clínico**. São Paulo: PUC-SP, 1997.

SÁNDOR, Pethö e outros. “*Calatonia*” in **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo: Vetor, 4ª Edição 1982.

STEWART, R. J **Música e Psique**. São Paulo: Cultrix, 1995